



PSICANÁLISE

Donald Meltzer

Explorações no autismo

Um estudo psicanalítico

Blucher

EXPLORAÇÕES NO AUTISMO

Um estudo psicanalítico

Donald Meltzer

com

John Bremner

Shirley Hoxter

Doreen Weddell

Isca Wittenberg

Tradutora

Marisa Mélega

Explorações no autismo

© 2026 Donald Meltzer

Título original: *Explorations in Autism: A Psycho-Analytical Study*

© 1975 The Roland Harris Educational Trust

© 2008, 2018 estate of Donald Meltzer and The Harris Meltzer Trust

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Tradução Marisa Pelella Mélega

Preparação de texto Regiane da Silva Miyashiro

Diagramação Mônica Landi

Revisão de texto Equipe editorial

Capa Juliana Midori Horie

Imagens de capa David José Gonçalves Batista (Donald Meltzer); The Tavistock & Portman NHS Foundation Trust (quarta capa)

Blücher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Meltzer, Donald

Explorações no autismo : um estudo psicanalítico / Donald Meltzer et al.; tradução de Marisa Mélega. – São Paulo: Blucher, 2026.

312 p.: il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2668-0 (Impresso)

ISBN 978-85-212-2669-7 (Eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2666-6 (Eletrônico – PDF)

1. Psicanálise. 2. Transtorno do Espectro Autista (TEA). 3. Autismo. 4. Investigação psicanalítica. 5. Estados autísticos. 6. Autismo e depressão. 7. Autismo e aprendizagem. 8. Autismo e mutismo. 9. Autismo e mecanismos obsessivos. 10. Dimensionalidade e organização narcísica. 11. Autismo em crianças. I. Título. II. Mélega, Marisa.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio à edição brasileira	7
------------------------------	---

PARTE A – TEORIA

1. Objetivos, escopos e métodos de investigação <i>Donald Meltzer</i>	13
2. A psicologia dos estados autísticos e a mentalidade pós-autística <i>Donald Meltzer</i>	17

PARTE B – ACHADOS CLÍNICOS

Introdução	49
3. Autismo propriamente dito – Timmy <i>John Bremner e Donald Meltzer</i>	51
4. Depressão primária no autismo – John <i>Isca Wittenberg</i>	77

5. Perturbação da geografia do espaço vital
no autismo – Barry 129
Doreen Weddell
6. A enfermidade autista residual e seu efeito
na aprendizagem – Piffie 199
Shirley Hoxter
7. Mutismo no autismo infantil, esquizofrenia e
estados maníaco-depressivos: a correlação de
psicopatologia clínica e linguística 237
Donald Meltzer

PARTE C – IMPLICAÇÕES DOS ACHADOS

8. A relação do autismo com mecanismos obsessivos
em geral 259
Donald Meltzer
9. Dimensionalidade como parâmetro de funcionamento
mental: sua relação com a organização narcísica 277
Donald Meltzer
10. Conclusão 299
Donald Meltzer
- Bibliografia das principais referências 307

Prefácio à edição brasileira

A tradução de *Explorations in Autism* atende finalmente à necessidade de esclarecer a intimidade da psicologia dos estados autísticos no enfoque psicanalítico para o público brasileiro.

Confesso que demorei muito para me decidir a traduzir este precioso testemunho de investigação do autismo infantil e assim torná-lo mais acessível aos estudiosos de nosso meio.

Passados 50 anos de sua primeira publicação, *Explorations in Autism* continua atualíssimo. O livro relata a investigação clínica levada adiante por dez anos de vários casos clínicos de crianças com autismo tratadas com o método psicanalítico e supervisionados por Donald Meltzer. Na Parte A do livro, ele conta como foi surgindo uma nova visão do autismo que difere grandemente de qualquer outra sugerida até então na literatura psiquiátrica e psicanalítica. No Capítulo 1, Meltzer afirma que o objetivo desta investigação é localizar problemas, e não resolvê-los. E esta sua atitude de mente científica possibilitou a localização de fenômenos muito misteriosos e pouco conhecidos até então: o desmantelamento, a deterioração dos conceitos de tempo e de espaço, a utilização da desmentalização como

recursos para ganhar tempo. No Capítulo 2, trata da psicologia dos estados autísticos e da mentalidade pós-autística. Descreve o estado mental autístico com seus fatores econômicos, suas características estruturais, seus aspectos dinâmicos e faz considerações que ele denomina genéticas. Descreve como se desenvolve a personalidade da criança autista em sua organização do espaço vital e na organização do *self* e dos objetos.

Ao abordar os casos clínicos do livro na Parte B, Meltzer pede ao leitor que observe que não tentou estabelecer o diagnóstico de autismo infantil de acordo com conceitos psiquiátricos habituais, e sim permitiu que o diagnóstico se estabelecesse a partir da descrição do material. Os Capítulos 3 a 6 seguem com os casos clínicos. No Capítulo 7, *Mutismo no autismo infantil, esquizofrenia e estados maníaco-depressivos*, Meltzer ilustra cinco fatores necessários para o desenvolvimento e uso da fala e traz três exemplos clínicos a esse respeito. Conclui que no autismo, há dificuldade de introjetar objetos parlantes e há um ataque ao coito verbal dos pais.

Já na Parte C, no Capítulo 8, *A relação do autismo com mecanismos obsessivos em geral*, ele nos oferece outra contribuição original ao discriminar a essência do modo de atuar dos mecanismos obsessivos no autismo para “benefício próprio”, dos mecanismos obsessivos como defesa contra a ansiedade. Interessantíssimo o Capítulo 9 que descreve outra contribuição original de Meltzer, acerca das dimensionalidades no funcionamento mental.

Ele conclui o livro no Capítulo 10, em que destaca dois importantes adendos à concepção de Freud sobre a vida mental do bebê: sua ideia de narcisismo primário como um estado em que há identificação com objetos que produzem satisfação imediata. O primeiro adendo diz respeito à descrição de Klein do *splitting* primário, cisão e idealização do *self* e do objeto sendo o marco inicial das relações objetais que conduz ao desenvolvimento saudável. O segundo adendo se refere à descoberta de Esther Bick (1968) com sua descrição da

função da pele psíquica no desenvolvimento mental que decorre da experiência com um objeto continente com o qual o bebê possa se identificar para poder ser desprendido dos braços da mãe sem que sinta a desintegração de seu *self* corporal. Meltzer finaliza o capítulo considerando, a partir da enorme quantidade de material clínico que, em tais crianças, sem dúvida essas duas etapas do desenvolvimento foram perdidas ou foram inadequadas em seus inícios.

Por fim, gostaria de enfatizar que este livro não diz respeito apenas a um estudo sobre síndromes autísticas, mas é muito mais uma investigação acerca dos primórdios da vida mental, como nunca visto.

Marisa Pelella Mélega

PARTE A – TEORIA

1. Objetivos, escopos e métodos de investigação

Donald Meltzer

Este pequeno livro não pretende ser um estudo exaustivo de uma síndrome patológica específica. Talvez esteja mais próximo da história de um viajante do que do relato de um estudo científico. Nós podemos dar a direção que a bússola apontou, qual equipamento levamos conosco e que experiência de viagens anteriores serviu de base para nossas opiniões. O resto consiste na descrição do terreno e dos seus habitantes, flora e fauna, e nas aventuras ao longo do caminho. Além disso, tudo foi organizado depois, porque nada foi planejado de antemão e somente pensamos em nos organizar em grupo com o intuito de rever, e só depois escrever e publicar, nossas experiências.

Na verdade, as crianças descritas nos capítulos seguintes estavam entre as mais interessantes de um grupo maior tratado pelo método psicanalítico, tanto em consultório particular como em clínicas de saúde mental, durante o período de 1960 a 1970. Havia dois fatores comuns em todos os casos: (a) todos os terapeutas foram treinados no método psicanalítico de terapia infantil desenvolvido por Melanie Klein; (b) todos foram supervisionados, de tempos em tempos, por um de nós (Donald Meltzer), reconhecido por seu interesse principalmente em crianças autistas e por ter tido alguma experiência no

tratamento destas crianças pelo método psicanalítico.¹ À medida que o trabalho clínico progredia em seu próprio ritmo e novas descobertas surgiam em um tratamento após outro, surgiu uma visão clara do autismo, que diferia muito de qualquer outra sugerida anteriormente na literatura psicanalítica ou psiquiátrica infantil. Naquela época, em 1967, *Melanie Klein Trust* nos concedeu uma bolsa para que, reunidos em grupo de pesquisa, pudéssemos revisar a experiência, que realizamos por meio de seminários quinzenais durante três anos. Os frutos desse trabalho refletiram-se em vários escritos apresentados num congresso de psiquiatria pediátrica em Roma (Donald Meltzer), na British Psychological Association (Donald Meltzer), na Association of Child Psychotherapists (Shirley Hoxter) e num congresso internacional de psicanálise (Donald Meltzer). O todo, porém, foi cuidadosamente montado para formar um livro que acreditamos ter uma lógica e uma sequência internas convincentes.

O âmbito dessas investigações é, portanto, bastante limitado. Nós praticamos terapia psicanalítica com diversas crianças que acreditamos se enquadrarem na categoria de autismo infantil, embora em diferentes estágios de evolução. O objetivo foi puramente descritivo: encontrar uma linguagem desprovida de qualquer sentido de jargão, por um lado, e de ambiguidade, por outro, que pudesse comunicar a qualidade especial das relações humanas, a visão do mundo e os processos de desenvolvimento apresentados por essas crianças, no *setting* psicanalítico de um consultório para atendimento da infância. O método terapêutico não diferiu em nada daquele utilizado no tratamento de crianças neuróticas ou psicóticas, conforme descrito por Melanie Klein em *Psicanálise de crianças* (1932) e exemplificado na *Narrativa de uma análise infantil* (1961). A essência do método é uma investigação sistemática e

1 N.T.: D. Meltzer trabalhou em psiquiatria infantil nos EUA antes de fazer sua formação analítica na Sociedade Britânica, que iniciou ao se analisar com Melanie Klein.

irrestrita da transferência. O material descrito e discutido nos capítulos seguintes mostrará que pouco ou nada deve a outras fontes de informação e que, sem dúvida, as formulações teóricas que alcançamos ao unificar nossas descrições baseiam-se inteiramente nas transações observadas entre a criança e o analista na transferência.

Porém, não se deve pensar que, ao falar em “descrição”, estamos alardeando objetividade; que ao tentar libertar nossa linguagem de todos os jargões nos protegemos de ter feito julgamentos. Pelo contrário, assumimos que o método psicanalítico é subjetivo, introspectivo, utiliza constantemente julgamentos diferenciais e se baseia em um sistema de pré-concepções que abrange a história de vida de cada terapeuta. A posição que reivindicamos, por termos conseguido unificar, simplificar e harmonizar essas experiências individuais, pode ser muito extraordinária ou uma flagrante autodecepção. Na realidade, porém, acreditamos que, depois de vários anos de luta entre nós, com o material, a insuficiência da linguagem e o caráter quase exótico dessas crianças, essa luta deu frutos pelo menos suficientes para superar a hesitação de publicar nossas descobertas.

De qualquer forma, por não poder apresentar resultados terapêuticos nem anunciar a solução para nada, este livro será decepcionante para o leitor. Para o leitor atento, logo ficará evidente que o nosso objetivo é localizar problemas, e não resolvê-los. Esta é provavelmente a verdade fundamental sobre as ciências humanas em geral e a psicanálise em particular. Acreditamos, então, que localizamos certos fenômenos muito misteriosos da mente por reconhecê-los operando nessas crianças de forma condensada. Esses fenômenos – o desmantelamento, a deterioração dos conceitos de tempo e espaço, a utilização da desmentalização como recurso para ganhar tempo – tudo isso parece iluminar certas modalidades de pensar e de estabelecer relações que podem ser vistas em outras circunstâncias, tanto em pessoas normais como em doentes, tanto no consultório psicanalítico como na vida cotidiana.

2. A psicologia dos estados autísticos e a mentalidade pós-autística

Donald Meltzer

Neste capítulo, queremos apresentar de forma esquemática a formulação geral das nossas descobertas, que serão então descritas em detalhe por cada terapeuta individual. Todos nós ficamos surpresos, até certo ponto, com a complexidade das ideias que desenvolvemos durante os anos de trabalho conjunto. Não podemos nos desculpar por essa complexidade em si, exceto no que diz respeito a não termos sido capazes de responder se tal complexidade se deve a uma incapacidade nossa de conseguir formulações e modos de expressão mais simples, mais amplos e mais precisos, ou se a complexidade reside na natureza do material.

O aspecto mais importante dessa complexidade reside no ponto de vista que tende a separar o próprio estado autista daquelas qualidades da mente em geral que aparecem nessas crianças durante o desenvolvimento, e que estão de alguma forma fora do próprio autismo, que chamamos de estado residual de autismo. Por si só, esta não parece ser uma ideia muito complicada, pois está ligada ao conceito comum em medicina de doença e sequelas; a complexidade reside realmente na forma peculiar como os dois estão interligados em cada criança durante cada período particular de observação. Isso será

exemplificado muito claramente no material de Timmy (John Bremner, ou J.B., no Capítulo 3), cuja observação deu origem a um modo de estudo muito convincente. Ao longo de alguns meses, ficou claro que certas formas de comportamento que apareciam repetidamente constituíam o fenômeno autista em Timmy, e, ao selecionar dados que pareciam claramente escapar dessa categoria e depois amarrá-los como pérolas em um fio, fomos capazes de reconstruir sequências (por vezes abrangendo várias sessões) que podem ser interpretadas como se tivessem sido efetivamente consecutivas. O resultado foi algo semelhante à fotografia cinematográfica de abertura de flores, na medida em que, tirando fotos em intervalos de alguns minutos, é possível traçar um processo de desenvolvimento e crescimento que não é visível a olho nu.

No entanto, talvez mais importante do que a revelação particular sobre Timmy foi a segurança que ganhamos com essa observação e a certeza que obtivemos sobre o grau de isolamento que essas duas categorias de fenômenos mantêm na mente do indivíduo. É claro que não é novidade que diferentes partes da mente possam ser mantidas a uma certa distância e em uma ignorância mútua; esse é um lugar comum para repressão, processos de dissociação e sistemas delirantes. No entanto, o que apareceu como uma grande novidade e com uma exibição deslumbrante da velocidade e da complexidade do aparelho mental foi a maneira como essas duas categorias de fenômenos estavam entrelaçadas e combinadas. Nessa justaposição de estados mentais, o fenômeno autista poderia ser visto em relação ao material da transferência, à medida que as perturbações repentinas da brincadeira aparecem na análise da criança. Contudo, embora a perturbação do brincar esteja relacionada com uma mudança que envolve um nível ou aspecto diferente da situação de transferência, a perturbação autista deu uma impressão muito diferente; assemelhava-se à inserção de um “ataque de pequeno mal” na conversa: como se esses processos tivessem sido verbais, a oração interrompida fosse

posteriormente completada quando o “ruído” autista cessasse. Barry (Doreen Weddell, ou D. W., no Capítulo 5), bem mais velho, desenvolveu na sessão o padrão de adormecer, o que dava a mesma impressão de funcionamento mental suspenso.

O importante nessa suspensão das transações de transferência é que gradualmente nos pareceu ser a chave para a compreensão do problema central do autismo: especialmente a qualidade do estado autista e o seu impacto único no desenvolvimento da personalidade. O problema de encontrar uma linguagem com a qual descrever a nossa compreensão desse estado é impossível de superar se quisermos evitar uma espiral tautológica de palavras que gradualmente se estreitam num nó sufocante do jargão.

O estado mental autístico

Como sugeriu Whitehead (1933), vamos pensar no passado, no presente e no futuro na sua forma mais imediata, estreitando-se no ínfimo período de (digamos) dois décimos de segundo: o agora como um décimo de segundo passado ou um décimo de segundo por vir. Consideremos a vida avançando em movimentos de ondas como esse, em que o presente se antecipa como o surfista na crista de eventos giratórios avassaladores, enquanto o momento presente se torna memória e o momento antecipado se torna em experiência presente. Espremido entre o passado e o futuro, esse momento presente seria inexistente, atingindo apenas uma realidade psíquica precária na organização das memórias. Seria verdadeiramente retrospectivo, mesmo que apenas por um décimo de segundo.

Se nos lembrarmos então que esse fio do tempo entrelaçou aquelas pérolas das memórias das quais já falamos, poderíamos considerar provisoriamente a vida mental assim definida, como essencialmente diferente da sequência linear da atividade neurofisiológica no cérebro, concreta, incomparável, ligada de ponta a ponta. Os eventos

mentais estariam para a atividade neurofisiológica assim como a frequência modulada está para sua banda portadora como modelo. Esse modelo é central para qualquer concepção que considere que a essência do próprio processo autista é uma suspensão da vida mental. Ao delineá-lo dessa forma, colocamos os acontecimentos que o compõem fora do fluxo de memórias que se agregam e eventualmente se organizam. Comparando-o a um ataque de *petit mal*, sugere-se a possibilidade de fatores neurofisiológicos que gostaríamos de deixar abertos à investigação por outros métodos; nosso método psicanalítico, que depende tão notoriamente de observações, nada pode fazer com o conteúdo longitudinal do estado mental autista propriamente dito. Contudo, como qualquer outro observador do comportamento, também estamos em condições de formular alguns conceitos sobre a estrutura e a dinâmica do corte transversal. Essa formulação, que agora queremos apresentar esquematicamente, será exemplificada em particular com o material clínico de Timmy (J.B., Capítulo 3), mas os seus detalhes foram retirados de duas fontes. A primeira, já citada, é basicamente a observação direta do fenômeno autista; a segunda, à qual devemos muito da nossa convicção sobre esse primeiro tipo de dados, é de caráter reconstrutivo: *por meio do reconhecimento das qualidades da mente que são peculiares ao estado e ao funcionamento dessas crianças fora do domínio do próprio autismo, podemos ver diversas tendências apresentadas separadamente que, quando exercidas em conjunto, produzem o estado autista.*

Quais são, então, as tendências mentais que poderíamos nomear como características e, nesse sentido, como requisitos para o aparecimento do autismo como condição patológica? Tornar-se-á evidente que o nosso empreendimento descritivo, mesmo quando tenta permanecer dentro dos limites da metapsicologia, rapidamente se encontrará num lugar tão nebuloso que, na falta de conceitos técnicos bem estabelecidos, será ainda forçado a recuar para uma mistura de descrição poética e abstração filosófica. O que

tentaremos fundamentalmente fazer é evitar neologismos e falsas precisões. Em benefício da pulcritude psicanalítica, os diferentes fatores serão discutidos sob o título de econômicos, estruturais, dinâmicos e genéticos.

Fatores econômicos

As crianças que estudamos pareciam-nos muito inteligentes. O que queremos dizer com isso e como chegamos a essa conclusão? Seus processos mentais operam em alta velocidade. Embora dominados pela repetição, é impressionante a rapidez com que desenvolvem novas combinações e transformações da mesma configuração básica de fantasia. Sua abertura aos dados sensoriais do próprio corpo e do mundo exterior dá a impressão de um aparelho desnudo ao vento.

Consequentemente, o grau em que discriminam os detalhes do ambiente e qualquer alteração desses detalhes é realmente intimidante. A complexidade de seu funcionamento mental sobrecarrega constantemente o terapeuta. Soma-se a isso a sutileza da resposta emocional e a sensibilidade ao estado físico e mental do terapeuta, que excede muito aquela encontrada na análise infantil em geral, e é certamente de uma categoria diferente da atmosfera do consultório de adultos.

Somada a essa inteligência e aos fatores de sensibilidade perceptiva que se conectam a ela, essas crianças apresentam uma sensibilidade emocional que gostaríamos de descrever como uma espécie de disposição gentil. A sua consciência do estado mental das pessoas a quem se sentem intensamente ligados parece conter, na verdade, uma inclinação para conotações depressivas, que é diferente da identificação; consiste, antes, numa permeabilidade primitiva às emoções dos outros – outro aspecto da “nudez” já mencionada. É claro, também, que tendem a experienciar os seus objetos como igualmente permeáveis e suscetíveis de serem bombardeados com a consciência da dor

dos outros, e interpretam todas as provas em contrário como um sinal de rejeição e não como uma indicação de incapacidade por parte do objeto.

Essa tendência de ser bombardeado pela consciência do sofrimento dos outros e de interpretar a insensibilidade emocional dos outros como rejeição dá origem a uma especial vulnerabilidade a experiências depressivas catastróficas; isso será visto muito claramente no material de John (Isca Wittenberg, ou I. W., no Capítulo 4).

A possibilidade de que essa propensão ao sofrimento depressivo esteja relacionada com a nudez especial em relação às ondas emocionais emanadas dos outros parece encontrar apoio na intensidade mínima com que são observadas as ansiedades persecutórias. Isso também tem a ver com a disposição gentil que se dá com base no sadismo mínimo. O que muitas vezes é apresentado como crueldade implacável para com os “outros bebês da mamãe” não é ditado por um sadismo que se apegue à rivalidade para justificar a sua expressão, mas surge a serviço de uma possessividade inflexível do objeto materno. A criança autista sem dúvida quer se livrar de todos os rivais, pois parece que toda privação ou decepção é vivenciada diretamente dentro desse quadro de referência. Eles não pretendem particularmente infligir dor, nem o prazer sádico é uma característica proeminente da sua vida emocional. Embora o sentimento de triunfo seja um ingrediente regular dos seus prazeres, tem uma qualidade predominantemente mais do que sádica, até que a cisão e a idealização se estabelecem no desenvolvimento pós-autista.

Essa posse prazerosa do objeto materno constitui uma forma primitiva de amor, ao mesmo tempo terna e altamente sensual. A intimidade superficial pele a pele que procuram tende a ser insaciável e a resistir à passagem do tempo. A intensa tendência à repetição nessas crianças parece emergir mais desse fator do que das erupções de ansiedade persecutória ou do ataque intempestivo de instintos em estado primitivo.

Essa lista bastante impressionante de traços disposicionais que ajudam a moldar as tendências econômicas parece ser onipresente no grupo e pode até ser um requisito de personalidade. Recapitulando, os fatores econômicos são: grande inteligência, sensibilidade ao estado emocional dos outros, propensão ao sofrimento depressivo de forma exagerada, mínimo sadismo e, conseqüentemente, mínima perseguição, mas com ciúmes possessivos. São crianças de elevada sensualidade em seu amor, suscetíveis a uma repetição infindável de alegria e de triunfo pela posse do objeto.

Fatores estruturais

Como já indicamos, consideramos que o próprio estado autista pode ser separado dos estados mentais que existem na mesma criança fora do autismo. Mais tarde descreveremos as formas pelas quais um estado influencia o outro. Neste ponto, devemos enfrentar a difícil tarefa de tentar definir a estrutura do próprio autismo, que é uma estrutura mental e, ao mesmo tempo, um estado essencialmente desmentalizado. Como já dissemos, a situação parece estar na suspensão temporária do reconhecimento da passagem do tempo; mas é algo muito diferente das diversas formas de renegação (*denial*) do tempo, do conceito circular, do conceito oscilante, ou do tempo em alguma forma fragmentado. Queremos visualizar uma estrutura, a do ego-id-superego-ideal desmantelada numa forma que tenha as seguintes qualidades: que se realize num momento; que seja reversível quase sem esforço, como se fosse reagrupada graças à inércia dos recursos mentais; suas transações devem ser de tal qualidade que as impeçam de se unirem a outros eventos mentais. Para expressar esta última qualidade, queremos fazer a distinção entre “evento” (ou “fato”) e “experiência”, assumindo que os “eventos” são descontínuos, impróprios para ligar-se e, portanto, fundamentalmente impróprios para a memória.

Os eventos, então, que são representados nas formas de comportamento já descritos por nós como a fenomenologia do próprio estado autista, não se prestam a serem captados pela criança como experiências, com sua estrutura característica de um presente como um ponto infinitesimal comprimido entre a memória e a antecipação. Como isso acontece? Anteriormente, utilizamos o termo desmantelamento, ao qual devemos agora dar um significado preciso para diferenciá-lo dos processos dissociativos.

Os processos dissociativos usam impulsos destrutivos para atacar o vínculo. Esses ataques são principalmente dirigidos contra objetos e têm apenas como consequência secundária a cisão do ego, ou mais corretamente, do *self*. Essa dissociação secundária parece ser consequência da divisão no objeto, da mesma forma que a divisão do território de uma região disputada entre duas nações é capaz de produzir uma polarização da população correspondente: quando confrontada com a cisão no objeto, lealdades incompatíveis levam o *self* a se dividir da mesma forma (no sentido geométrico). É por essa razão que o processo primordial de cisão e idealização (*splitting* e idealização) do objeto é a divisão necessária entre pares bons e maus no *self* e seus impulsos.

Consideramos o “desmantelamento” como um processo diferente e com implicações muito distintas. Em primeiro lugar, parece-nos que isso acontece mais de forma passiva do que ativa, como deixar uma parede de ladrilhos desmoronar pela ação do tempo, do musgo, dos fungos e dos insetos, por não ter sido feito um reforço com cimento. O desmantelamento se dá pelo do recurso passivo de permitir que os diversos sentidos, específicos e gerais, internos e externos, sejam atribuídos ao objeto externo mais estimulante do momento. Seria mera coincidência se as sensações mais coloridas, as mais arrebatadoras na forma, as mais cheirosas, sonoras e saborosas, bem como as mais suaves e quentes do momento, todas estivessem emanando simultaneamente do mesmo objeto real externo. Com exceção

do bebê ao peito, tais sensações virão de uma variedade de objetos em um determinado momento e, com exceção de grandes obras de arte ou de qualidades pessoais, prestamos atenção à maioria dos objetos. Tendemos a vivenciar esse desdobramento dentro de nós como um processo ativo. É duvidoso que o homem ocidental em geral tenha conservado a capacidade de suspender a atenção como o guru yogui que afirma poder fazê-lo via uma concentração extrema no nada. O que geralmente chamamos de “desatenção” é uma perda de atenção, seja no sentido de diminuição do foco ou de voltar-se para dentro em ruminação ou devaneio.

Estamos então sugerindo a existência de uma certa capacidade de suspensão da atenção, cujos mecanismos investigaremos mais tarde, que permite aos sentidos vagar, cada um direcionado para o objeto mais atrativo do momento. Esse desdobramento dos sentidos parece produzir o desmantelamento do *self* como aparelho mental, mas na forma passiva de cair em pedaços. Existem alguns brinquedos que representam cães, por exemplo, feitos de contas de madeira unidas por fios que passam por buracos de uma tábua e são amarrados a um aro. Uma criança segurando o aro sob tensão faz com que o cão fique de pé, e relaxar a tensão faz com que ele desmorone e se deite na madeira. Da mesma forma, podemos conceber a atenção como os fios que mantêm os sentidos unidos na consensualidade. Esse “senso comum”, como Bion ironicamente o chama, apreende os objetos da maneira multifacetada que é essencial aos atos mentais, em oposição aos eventos neurofisiológicos. Estamos empregando um conceito estrutural de atenção semelhante ao usado por Freud ao considerar a consciência como um “órgão” mental.

Se ao dizer que suspender a atenção a criança permite passivamente que a sua organização mental se desmorone, estamos fazendo uma aproximação razoável ao processo que conduz ao estado autista e pareceria bem verdade que, desta forma de afastamento do mundo, não resulta nem ansiedade ou desespero persecutório, uma vez que

nenhuma violência é exercida contra si mesmo ou contra o objeto. Isso implica que o restabelecimento da organização preexistente não tratará nenhum grau de sofrimento mental (Ps ↔ D de Bion) a ser superado. Um equivalente social disso seria, por exemplo, a famosa história contada por Carl Sandberg sobre o “Capitão” Abraham Lincoln, quando jovem, durante a “Guerra Black Haw” em 1832:

Enquanto seu capitão penetrava com dois pelotões avançando em direção a um portão, ele não conseguia pensar que ordem deveria dar-lhes para passarem de dois em dois. E então ordenou: “Esta companhia está livre por dois minutos, após os quais se formará novamente do outro lado do portão”. (Sandberg, 1926)

Fatores dinâmicos

É nossa ideia, então, que os componentes sensoriais do *self*, desmantelados para cruzar o “portão” autista, também possam se alinhar sem esforço quando estiverem do outro lado. Nesse ponto, provavelmente já multiplicamos os nossos modelos sem obter clareza, e nos beneficiaremos se nos voltarmos para a dinâmica do processo. Aqui nos deparamos com a tendência compulsiva tão marcante nessas crianças e ficamos surpresos ao descobrir certos aspectos primitivos da compulsividade, que nas suas formas mais sofisticadas de uso não são fáceis de descobrir. A característica mais marcante da compulsividade em geral é a repetição do ato, ou do pensamento subjacente, numa série potencialmente interminável, mas que termina tão misteriosamente como começou. O estudo das neuroses mostrou-nos claramente quais fatores nelas atuam, de que maneira a separação e o controle onipotentes dos objetos induzem ansiedades persecutórias ou depressivas, dependendo do grau de crueldade que as motivou. Pode-se considerar que a repetição compulsiva expressa a necessidade de controle constante dos objetos, uma vez que eles tendem a se

reunir e expressa, por outro lado, a necessidade de servi-los e nutri-los, uma vez que mantê-los separados (ao interferir nos processos de reparação) tende a levar à sua deterioração.

É evidente, então, que nos estados obsessivos existe uma interação de motivos primários e secundários de defesa contra a ansiedade. Essa ênfase no seu papel defensivo contra a ansiedade, primeiro edipiana e depois persecutória ou depressiva, pinta um quadro da compulsividade como mecanismo de defesa, mas esconde as suas raízes mais primitivas na compulsão à repetição que, na sua formulação do primeiro período, a “topográfica”, Freud mencionou como a atemporalidade do sistema inconsciente (Inc.), na teoria “estrutural” deve se referir ao Id. Como já descrevemos com algum detalhe, a estimativa do tempo é certamente uma função do ego. A compulsão à repetição é o princípio econômico dominante do Id, tal como o princípio do prazer-dor-realidade o é do Ego na sua relação com o Id e com o mundo exterior, assim como das posições esquizoparanoide e depressiva são em relação ao ego com o superego-ideal.

A investigação de Freud sobre a compulsão à repetição em *Além do princípio do prazer* é talvez demasiado especulativa e cosmológica para ser de uso imediato na pesquisa clínica. Precisamos de uma âncora mais neurofisiológica para nossa concepção. É quando tenta compreender a natureza do Id que a psicanálise mais uma vez se aproxima do trabalho dos outros campos da psicologia como reflexos condicionados, estudos de processos perceptivos realizados pela escola da Gestalt, estudos etológicos e neuropatologia. Quando o *self* se desmonta em seus componentes sensoriais devido à suspensão da função de atenção do ego, um *self* coerente deixa temporariamente de existir. Cada fragmento ou componente é reduzido ao seu estado primitivo, dominado pelo Id e pela sua economia e dinâmica. Sugerimos que esse primitivismo é essencialmente desprovido de atividade mental, é desmentalizado. Os seus acontecimentos não podem ser considerados atos mentais e não podem ser experienciados de forma

alguma que permita a sua integração num *continuum* de memórias, nem como base para antecipação.

No entanto, o mistério que surge no estudo da compulsividade no neurótico, basicamente quais circunstâncias podem pôr fim à tendência potencialmente infinita à repetição, encontra uma resposta possível na observação dos próprios estados autistas. Tanto John (I.W., Capítulo 4) quanto Timmy (J. B., Capítulo 3) ilustram claramente o alto grau de captação sensual do terapeuta que caracteriza o relacionamento de transferência. Em nosso trabalho, logo ficou evidente que era necessário que o terapeuta fosse capaz de *mobilizar a atenção suspensa da criança em seu estado autista para trazê-la de volta ao contato transferencial*. Para tanto, foi necessária uma interpretação constante do estado da transferência anterior à caída no autismo, ao lado de técnicas aprendidas de forma mais intuitiva de uso da voz, atenção e posturas. Esta última inclui um grau de permissividade com relação a contato físico, toque, olhar, cheirar e saborear, o que não seria facilmente permitido no decorrer de uma análise infantil comum.

Essa disponibilidade corporal direta do analista parece ter um efeito carismático devido à sensualidade oral avassaladora dessas crianças. Timmy (J. B., Capítulo 4) colocava a boca perto da boca falante do terapeuta e comia especificamente a linguagem emergente. John (I. W., Capítulo 4) olhou nos olhos da terapeuta ou sob sua blusa da mesma forma que olhou pela janela da escada. O significado que o terapeuta adquiriu como peito, como objeto parcial, na transferência, foi estabelecido no tratamento imediatamente, e de forma sensual primitiva, muito antes de poder assumir um significado mais abstrato e, claro, surpreendentemente rápido em comparação com a longa e difícil luta para conseguir isso no decorrer da análise de um paciente neurótico, adulto ou criança.

Fatores genéticos

Em suma, pode-se dizer que o peito materno, como objeto de viva atração consensual, parece funcionar como um ímã ou um recurso

para atrair o *self* desmantelado por requisitar sua atenção. O “ataque” autista terminaria devido à reunião repentina das partes do *self*, o que permite à criança continuar a atividade transferencial que havia sido temporariamente suspensa. Pode-se muito bem imaginar que “perder-se” no autismo, como perturbação do desenvolvimento, tem uma relação econômica muito tênue com a intensidade da relação com o peito da figura materna. Quando o peito² “se vai”, como acontece quando a mãe sofre de depressão ou outro distúrbio e, consequentemente, reduz sua atenção, carinho, conversa e sensualidade para com o bebê, o *self* desmantelado tende então a flutuar por períodos cada vez mais longos. É concebível que o grau de atraso no desenvolvimento possa muito bem ter uma relação quase aritmética com o tempo vital gasto no próprio estado autista durante a vigília e talvez durante o sono. As implicações terapêuticas e profiláticas desse fato são óbvias. A esse fator quantitativo deve-se acrescentar o efeito que tem sobre o desenvolvimento a ação dessas mesmas tendências que tornam possível o estado autista quando agem individualmente e não em conjunto, no curso das experiências de vida e das relações objetais. Nessa área, aprendemos muito com o tratamento de Piffie (Shirley Hoxter, ou S. H., Capítulo 6) e Barry (D. W., Capítulo 5).

Desenvolvimento da personalidade na criança autista

Formulações como a anterior sobre o próprio estado autista não podem reivindicar (como já dissemos) qualquer prioridade sobre outros métodos de observação ou outros sistemas de formulação. Por terem sido feitas dentro do ambiente analítico e por terapeutas treinados analiticamente, as observações sofrem tanto quanto se

2 N.T.: peito-mamilo, segundo Klein, é o objeto parcial. A experiência emocional do bebê ao peito sugando o mamilo, nos braços da mãe com seus olhos e voz dirigidos a ele, é denominada seio.

beneficiam das limitações desse ambiente e treinamento. Contudo, quando empreendemos a descrição e a formulação do desenvolvimento da personalidade dessas crianças fora do autismo propriamente dito, e num sentido pós-autista, com Barry (D. W., Capítulo 5) e Piffie (S. H., Capítulo 6), podemos afirmar e falamos com o *insight* especial que somente o método analítico, acreditamos, pode proporcionar nessas questões. Essa autoridade especial, é claro, diz respeito apenas à estrutura inconsciente, à dinâmica e à economia da mente e à visão especial (e parcial) da gênese da personalidade que a nossa disciplina oferece.

Já falamos da consideração quantitativa geral, ou seja, basicamente, da perda de tempo vital de maturação mental, cujo lugar é ocupado pelos próprios estados autistas. Devemos agora lidar com as interferências específicas no desenvolvimento e suas consequências, que podem ser descobertas pelo método psicanalítico. Estas pertencem a duas grandes categorias: 1) interferências na formação da estrutura da personalidade e 2) excentricidade obsessiva das relações objetais. Ambas serão exemplificadas posteriormente nas descrições clínicas de Barry (D.W., Capítulo 5) e Piffie (S.H., Capítulo 6), respectivamente. Na formulação teórica aqui, vamos enfatizar a função da fantasia inconsciente nas crianças, porque nestas o nosso método de pesquisa nos dá uma visão de primeira ordem para a validação. A análise de como essas funções da criança estão conectadas com as tendências de personalidade da figura materna, ou com a organização do ambiente em que a criança se desenvolve, é apresentada no resumo final da pesquisa, por ser reconstrutiva e, conseqüentemente, ter validade de segunda ordem.

A estrutura da personalidade tem duas dimensões que vão além da delineação de Id, Ego e Superego que Freud descreve. Na realidade, tal categorização tem uma certa validade biológica que difere até certo ponto de uma organização funcional: isto é, a divisão entre o *self* e os objetos. Somada a essa divisão funcional, podemos discernir

uma segunda ordem estrutural, relacionada com a organização do espaço vital, ou seja, com a geografia da personalidade nas suas quatro regiões características – interna e externa ao *self*, dentro e fora dos objetos. A quinta área, o “lugar nenhum” do sistema delirante, não nos interessa aqui. Destas duas dimensões gerais da estrutura da personalidade, a organização da geografia do espaço vital e a organização do *self* e dos objetos, a primeira parece ser de importância fundamental na psicopatologia da personalidade pós-autista (como chamaremos doravante, significando tanto a que permanece fora do estado autista propriamente dito, como a sequela do autismo infantil precoce (*early infantile autism*)).

a. Organização do espaço vital

Acreditamos que o campo de estudo das crianças autistas proporciona benefícios muito ricos no que diz respeito à compreensão dos primórdios da vida mental, revelando processos tão primitivos que são completamente inacessíveis a outros métodos ou com outros tipos de pacientes. Essas crianças parecem sofrer um impedimento absoluto para progredir no seu desenvolvimento, devido à dificuldade em diferenciar as quatro áreas geográficas da fantasia. Eles vivem uma confusão geográfica muito mais complexa do que aquela induzida pela identificação projetiva maciça. Como isso acontece? Ou, talvez, a questão mais correta seja a inversa: como é que a diferenciação normal não acontece? A resposta que podemos oferecer é bastante complicada.

Para explicar, devemos voltar à disposição dessas crianças, particularmente ao seu elevado grau de oralidade, ao seu intenso ciúme possessivo do objeto materno, à sua sensualidade primitiva e ao seu modo de ser terno e não sádico, tudo o que predispõe tais crianças a experiências depressivas precoces e intensas. A sensualidade e a possessividade induzem a uma forte tendência à fusão com o objeto, o

que, na sala de análise, é facilmente reconhecido por ações como penetrar no terapeuta, perfurá-lo, apropriar-se de suas mãos para manipulá-las ou a tentativa de usar o corpo do terapeuta como se fosse uma peça de mobiliário. Essa própria insistência em controlar o corpo do terapeuta revela um fracasso em alcançar qualquer grau de identificação projetiva. Esse fato surpreendente e o comportamento extraordinário que manifesta dizem respeito também ao quarto, à casa, debaixo da mesa ou dentro de um armário. A criança não pode vivenciar, por nenhum período, a diferença entre estar dentro e fora do objeto. Olhar o terapeuta nos olhos pode imediatamente se transformar em olhar para fora pela janela. Porém, o momento de triunfo sobre, por exemplo, os pássaros do jardim que representam os bebês externos excluídos, imediatamente se transforma em um furioso mostrar os punhos e bater a cabeça na janela, e depois bater a cabeça no peito do terapeuta e perfurá-lo. Os bebês externos de repente tornaram-se bebês internos triunfantes, e o triunfo da criança transformou-se em uma raiva surpreendente.

Uma criança nos mostrou a resposta com um único golpe de intensidade criativa. Durante meses ele desenhou portas e portões, geralmente com barras de ferro forjado muito complicadas. Então, casas góticas vitorianas apareceram gradualmente. Um dia, com grande esforço, desenhou de um lado do papel uma casa muito ornamentada vista de frente, uma casa em Northwood, enquanto do outro lado do papel desenhou os fundos de um bar em Southend. Assim, a criança demonstrou sua experiência com um objeto bidimensional: quando se entra pela porta da frente, um objeto diferente sai simultaneamente pela porta dos fundos. É, na realidade, um objeto sem interior.

Mas como surge um objeto assim? Para responder a isto, é preciso reconsiderar a intrusão extrema e insistente dessas crianças no que diz respeito ao objeto materno e à forma como a sensualidade primitiva permite uma fácil troca entre objetos animados e inanimados, tal

como ocorre nos objetos transicionais de Winnicott (1957), tema ao qual retornaremos no resumo final.³ Essa fácil substituição, fora do próprio autismo e mesmo quando os objetos são apreendidos consensualmente, sustenta a onipotência das fantasias invasivas. Na verdade, como veremos no material de Barry, o objeto materno é vivenciado como aberto, com seus orifícios desprotegidos, sem esfíncteres, exposto tanto aos elementos do clima quanto a um saqueador. Tal como a Abadia de Tintern,⁴ a distinção entre interior e exterior não é um fato; é apenas uma ideia que vem da imaginação. É claro que é tentador imaginar que durante os primeiros meses de vida essas crianças foram expostas a um grau extraordinário de despreocupação materna, ao tipo de atenção em que o que entra por um ouvido sai pelo outro, um “sim, querido” de suas ocupadas mães. Ocasionalmente, isso é corroborado pela história materna de depressão pós-parto grave. Porém, estamos mais inclinados a buscar a solução do quebra-cabeça na própria criança, pois certamente muitas crianças recebem vários “sim, querido” de suas mães ocupadas.

As trocas na sala de análise sugerem fortemente que a intrusão insistente, a sensualidade promíscua e a intensa possessividade levam essas crianças a experimentarem a posse absoluta de um objeto “não possuível”, rico em qualidades superficiais, mas desprovido de substância, um objeto fino como papel sem interior. Isso produz uma falha primária da função continente do objeto externo e, consequentemente, do conceito de um *self* continente. Esse grave defeito não parece ser exatamente o mesmo que Bick descreve como uma pele inadequada para o *self*, na medida em que não parece envolver qualquer deficiência na formação do conceito, mas sim uma função continente inadequada devido ao estresse da ansiedade. Não se observa o

3 N.T.: alguma semelhança com a experiência de uma mãe plana, de Winnicott?

4 N.T.: refere-se às ruínas do Monastério de Tintern Abbey as quais, ao serem contempladas, levam a imaginar seu passado de esplendor.

esparrramar característico das partes do *self*, nem a função da segunda pele que ela descreveu tão claramente.

Pelo contrário, temos a impressão de que a falta de espaço interno no *self* e no objeto da criança com personalidade pós-autista é um defeito contínuo, que não está relacionado ao estresse por ansiedade. Também parece ter uma relação diferencial com diferentes modalidades sensoriais, o que é consistente com a tendência geral de afrouxamento da função consensual. A mais fraca dessas modalidades no que diz respeito à função de conter parece ser a auditiva, especialmente em relação à função da linguagem. Parece ser um caso de “o que entra por um ouvido sai pelo outro”, muito especificamente. É para o defeito nessa área que procuramos uma explicação para a surdez aparente, que muitas vezes chama primeiro a atenção dos pais e causa seu alarme. A relação disso com o mutismo é um problema muito complexo, cuja consideração detalhada ainda deve aguardar.

Essa qualidade deficiente do *self* como continente, relacionada à falta de espaço interno, produz uma qualidade maníaca na personalidade, que será vista muito claramente em John e Timmy. A falta de capacidade de reter objetos tem efeito equivalente à sua expulsão sádica como fezes, o que é observado nos transtornos maníacos, mas com uma qualidade automática e desesperada muito característica, que pode resultar subitamente num colapso depressivo catastrófico de soluços desconsolados. O material referente ao “comprimir” de Timmy ilustrará a luta do menino para fechar seus orifícios. Porém, a abertura da criança não se limita apenas à dificuldade em reter o conteúdo mental e, conseqüentemente, o conteúdo físico. Tendemos a ver essas crianças também sofrendo de uma abertura que se manifesta como um bombardeio de sensações, o qual parece agravar a dificuldade de retenção e torna o processo normal de elaboração na fantasia (e, portanto, provavelmente nos sonhos) relativamente ineficiente para o brincar e, logo, para a aprendizagem. A consequência

disto é um grau extraordinário de dependência, não apenas dos cuidados, mas também das funções mentais do objeto externo.

Acreditamos que essas considerações explicam em grande parte a aparente deficiência mental dessas crianças altamente inteligentes. Talvez fosse importante elaborar um pouco esse ponto, pois tem implicações significativas tanto para a compreensão da personalidade pós-autista como para orientar a nossa abordagem terapêutica. Freud considerava o pensamento uma forma econômica de ensaio para a ação. Quando o nosso equipamento interno não é suficiente para resolver a complexidade das representações relativas a um determinado problema, recorremos a contadores, por exemplo, um ábaco, um tabuleiro de xadrez com as suas peças, papel e lápis ou instrumentos de geometria. A criança utiliza seus brinquedos da mesma forma, como contadores para os objetos de fantasia e pensamento. Quando as fichas ganham vida própria e um valor diferente daquele atribuído na representação, dizemos que o jogo se concretizou e que há uma falha evidente na formação dos símbolos.

A personalidade pós-autista, como todos os estados primitivos, apresenta um certo nível de concretude no pensamento e na fantasia. Na verdade, porém, isso não é observado em alto grau pela notável imaturidade. Em vez disso, pode-se observar um processo mais complexo que diz respeito ao *uso do objeto materno (ou do objeto da transferência materna) como uma extensão do self para executar funções do ego*. Nas circunstâncias em que outra criança subia no parapeito da janela, John simplesmente fazia movimentos antecipatórios para ser levantado. Quando Piffie não conseguiu segurar todas as figuras e peças nas mãos, ele naturalmente as colocou no colo da terapeuta. Quando Timmy queria retirar brinquedos que suspeitava terem sido usados por outras crianças, ele os depositava embaixo da cadeira do terapeuta, como se estivesse deixando lixo para o varredor. Outras crianças teriam encontrado um lugar seguro ou teriam jogado esses brinquedos na lata de lixo.

O que queremos ressaltar é que o natural para essas crianças é vivenciar a situação de tal forma que o terapeuta exerça uma função egoica. Ele deve funcionar não apenas como servo ou subordinado, mas como ator principal na situação. Ele não deve apenas executar a ação, mas também decidir que ação deve ser tomada e, assim, assumir a responsabilidade. Nesse sentido, pode-se dizer que a atividade da criança revela uma incapacidade política, como um potentado oriental que nada sabe sobre o regime fiscal, mas que está pronto a decapitar o seu vizir (ajudante) se houver alguma evidência de injustiça. Surge aqui a questão de saber que relação existe entre esse tipo de dependência e a onipotência e o controle onipotente dos objetos. Consideramos ambos os processos muito diferentes e podem ser observados agindo de forma muito diferente nessas crianças, o último como um aspecto da obsessão e o primeiro como um tipo especial de dependência.

A desobediência do terapeuta ao controle tirânico onipotente provoca uma reação normal de raiva; mas quando o terapeuta falha em desempenhar a função do ego da criança surge a inquietação e uma tendência a isolar-se no estado de autismo propriamente dito. Isso também é uma indicação clara de que os estados autistas propriamente ditos não podem ser entendidos como decorrentes de mecanismos de defesa contra a ansiedade, mas tendem a ser provocados pelo bombardeio de sensações na presença de um equipamento inadequado e do fracasso da dependência.

Isso naturalmente leva a questões sobre a relação entre a personalidade pós-autista e a personalidade durante o primeiro mês de vida. Nessa área, só podemos, claro, fazer conjecturas, mas parece convincente que a qualidade de dependência observada no estado pós-autista é muito semelhante à do recém-nascido, que necessita do objeto tanto para atendê-lo como para desempenhar as funções do seu ego. Isso implica um vínculo narcísico que não só prolonga o corpo da criança ao mais capaz do objeto, mas também à própria mente,

o que sugeriria um processo intimamente relacionado com a identificação descrita por Freud como uma característica do narcisismo primário, de qualidade muito diferente da confusão entre *self* e objeto devida, por exemplo, à identificação projetiva. Nesta última, a mente e o corpo da criança são os que dirigem o processo, para além de todas as limitações funcionais que caracterizam o *self* infantil. É por essa razão que o comportamento pseudomaturo decorrente da identificação projetiva é apenas uma caricatura infantil do comportamento adulto.

Se concebermos esse tipo de dependência no sentido do narcisismo primário e lembrarmos que Freud afirma que, nos estágios iniciais, a relação objetual e a identificação são indistinguíveis, somos novamente direcionados para o problema da qualidade bidimensional do objeto e do *self* na estrutura da personalidade da criança autista. A concepção de Bion da *reverie* materna como um processo no qual a mãe incorpora a parte perturbada da personalidade do bebê, reduz seu desconforto e o devolve ao filho parece ser aqui uma ideia esclarecedora e unificadora, mas precisamos vê-la funcionar de uma forma diferente dos cuidados maternos normais. A princípio, essas crianças parecem exigir que a mãe incorpore, contenha e reduza a dor de toda a criança, e não apenas de uma parte dela. Por causa disso, e talvez por causa de certas limitações no estado mental da mãe, ocorre uma falha primária da dependência. Acreditamos que a criança vivencia isso como se o peito ou a mãe fossem finos como papel.

Como provavelmente não podemos avançar nesse ponto até ver o material clínico, concentremo-nos na segunda dimensão da estrutura da personalidade e na sua perturbação na organização pós-autista.

b. Organização do *self* e dos objetos

Já sugerimos que o estudo da organização do espaço vital dessas crianças produz elevada informação científica sobre os primeiros processos nessa área, e uma recompensa semelhante pode ser

derivada do estudo da organização do *self* e dos objetos. No entanto, esta é de natureza mais restrita: basicamente, o que descobrimos são fenômenos relacionados com os aspectos mais primários dos mecanismos obsessivos que são tanto de interesse geral no que diz respeito à obsessão como de interesse mais específico no que diz respeito ao elemento obsessivo em perversões, especialmente na posição do objeto do jogo fetichista, como eu, D. Meltzer, descrevi em *Sexual States of Mind* (1973).

Nossa opinião é que a obsessão geralmente pode ser descrita como emergente de dois fatores relativos à relação do *self* com seus objetos. Em primeiro lugar, depende do controle onipotente sobre os objetos e, em segundo lugar, depende de ataques ao vínculo para separar os objetos e, assim, mantê-los mais bem controlados. Embora a ordem lógica das operações pareça ser a que estabelecemos – primeiro o controle, seguido da separação como baluarte do controle –, queremos discuti-las na ordem inversa.

Como dissemos antes, descobrimos que essas crianças têm um elevado grau de capacidade de dissociar suas modalidades sensoriais do vínculo consensual comum que as une. Estamos inclinados a ver essa função comum à luz da formulação da função alfa de Bion, como uma forma de descrever a função mental que converte sensações em pensamentos que podem ser manipulados para pensar. Queremos descrever outro tipo de fracasso que produz eventos sensuais adequados apenas ao prazer, e que não podem ser apreendidos como experiências, seja para serem manipulados para pensar, e consequentemente não servem para a comunicação. Achamos que esses eventos diferem dos elementos beta de Bion, adequados apenas para evacuação.

Embora, em sua forma mais extrema, essa dissociação da consensualidade configure a operação essencial para a formação do próprio estado autista, seu uso parcial é característico da personalidade pós-autista e é a base da obsessão extrema, como será exemplificado no

material de Piffie. Devemos enfatizar mais uma vez que o ataque ao vínculo é dirigido contra si mesmo, é muito passivo e não sádico por natureza. A função de atenção do ego é manipulada de tal forma que simplesmente permite que a experiência dos objetos caia em pedaços e seja restaurada de uma só vez.

Essa diferença entre o ataque destrutivo direto ao vínculo entre objetos ou objetos parciais e os ataques indiretos a esses vínculos por meio do dismantelamento da capacidade do *self* para experiências consensuais é uma distinção um tanto geral no que diz respeito aos distúrbios obsessivos. O grande mistério sobre tais distúrbios sempre foi o grande grau de variação no nível de ansiedade persecutória resultante do estabelecimento do controle onipotente e da separação de objetos. Naturalmente, considera-se que o grau de perseguição resultante da operação de uma defesa é proporcional ao grau de sadismo com que foi montada. Freud, nas suas obras “Fetichismo” (1927, S.E., XXI) e “Cisão do Ego nos processos de defesa” (1938, S.E., XXII) apontou o rumo a seguir para a resolução desse mistério, que ele corretamente ligou ao problema geral de manutenção da saúde mental face a conflitos infantis não resolvidos. O estudo subsequente de Melanie Klein sobre processos de dissociação em seu trabalho de 1946, “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides” (1978), e em contribuições subsequentes concentrou-se principalmente no problema da psicopatologia. Podemos agora sustentar, com alguma precisão, a formulação que Freud fez sobre o funcionamento dos processos de cisão quando estão ao serviço de preservar a parte sadia da personalidade da invasão das partes doentes ou, digamos assim, da sua submissão a estas.

O processo de dismantelamento do *self*, especialmente em termos da sua capacidade de ter experiências perceptivas consensuais e, portanto, da capacidade de introjeção de objetos integrados, fornece uma resposta muito satisfatória a esse problema. Não se tratava, finalmente, de uma mera questão de como a saúde e a doença podem

existir lado a lado na personalidade sem destruir a saúde da mente. O problema era econômico e de natureza mais delicada: como é possível manter os objetos bons sob controle e separados sem enfraquecê-los ou serem vulneráveis aos ataques sádicos da parte destrutiva da personalidade, como acontece na catatonia? O mesmo princípio é utilizado, por exemplo, para fazer a distinção entre a união de um grupo por meios concretos (com correntes) ou meios abstratos (como numa sociedade secreta) e a simples associação de membros com o propósito de serem reconhecidos por si próprios e por outros (como no caso de qualquer tipo de uniforme). Este último método define o grupo em termos de reconhecimento, isto é, de maneira perceptiva, e não em termos de ação, seja ela imposta ou restringida. Na verdade, na formação de grupos no mundo exterior, ambos os métodos são utilizados em conjunto, como o traje clerical e os votos sagrados. É uma continuação ou extrapolação do processo natural pelo qual as espécies se identificam e reconhecem os seus predadores. Os ratos da fábula queriam colocar um sino no gato para saber seus movimentos; ou seja, eles queriam usar a percepção de distância para identificar um predador. Pelo contrário, para identificar um relacionamento mais íntimo, opta-se por uma percepção de contato. Esse é o método geral da natureza, estabelecendo critérios distantes para identificação de inimigos e critérios proximais para indicações de amor e amizade. Esse sistema é destruído no processo de desmantelamento e, ao fazê-lo, grande parte da capacidade adaptativa é sacrificada.

Como é possível, então, que o desmantelamento do self perceptivo afete o controle onipotente sobre os objetos sem enfraquecê-los diante de partes destrutivas? Suponha, por exemplo, que a mãe use uniforme e o pai uma campainha, de modo que eles sejam identificados pela visão e pela audição, respectivamente. A capacidade perceptiva atribuída, quando desmontada, perturba a experiência de tal forma que a criança não está mais lidando com uma mãe uniformizada e um pai com uma campainha, mas com uma mãe surda e um pai

cego. *Mammy* não consegue ouvir a campainha do papai e este não consegue ver o uniforme da mamãe. Eles passam como navios na “noite do provérbio”. Ou seja, a criança descontente faz com que passem a noite bem separados em sua mente.

O importante dessas operações é que elas dão origem à introjeção de objetos defeituosos nas relações íntimas. A sexualidade construída sobre essa base inclina-se fortemente para o fetichismo; ou, para manter nossa analogia, a busca por uma mulher com campainha ou um homem com uniforme. É isso que de fato acontece no próprio fetichismo e traz consigo o elemento fetichista do objeto eletivo para todo o campo das perversões.

Na personalidade pós-autista, isso se manifesta no grau e tipo especial de obsessão, que será descrito particularmente no material de Piffie. Aí veremos como a preocupação em manter os objetos incommunicáveis (como no episódio do homem na escada) também promove uma curiosidade ruminativa quase científica sobre como as coisas se unem e como se evita a sua desunião. Um dos exemplos mais notáveis desse tipo foi o período em que Piffie experimentava permutações de forma e cor num desenho bastante estilizado de uma casa e uma árvore. O céu azul, a grama verde, a casa amarela, o telhado vermelho, a árvore marrom etc. De forma semelhante, as mudanças de cor alteravam-se com o interior e exterior da casa. A impressão final foi que Piffie não tinha convicção de que o azul do céu ou o verde da grama fosse algo mais essencial do que o vermelho do telhado ou o amarelo da casa, ou que, se alguém estivesse dentro da casa, tudo poderia ser invertido. Pudemos perceber que, com uma atitude certamente tirânica, ele não tolerava que o azul do céu estivesse sempre emparelhado com o verde da grama, afirmando, antes, que esse arranjo estava sob seu próprio controle e que a combinação só existiria contanto que ele a visse dessa forma. Da mesma forma que pôde confrontar a surpresa do homem na escada com uma série de desenhos nos quais gradualmente essa experiência deixou de existir como

experiência lembrada, também pôde enfrentar os dados dos acontecimentos diários da natureza usando seus sentidos de forma seletiva e de acordo com sua conveniência. Isso indica um alto grau de inteligência, capaz de utilizar a atenção para fazer tais abstrações no estado pós-autista e que, no entanto, levado ao extremo de desatenção no estado autista, pode aparecer como um defeito intelectual.

Pode-se dizer que o caráter obsessivo da personalidade pós-autista é composto, portanto, por uma tendência a utilizar de maneira particular o dismantelamento do *self*, a serviço do controle onipotente e da separação de objetos, o que traz, consequentemente, uma preocupação ruminativa pela forma como os elementos do mundo estão ligados entre si. Quando dizemos que essa atitude é quase científica, não excluimos a possibilidade de que uma verdadeira atividade científica possa realmente resultar mais tarde na vida. É bem possível que muitos cientistas tenham tido um período autista e um caráter pós-autista. A extrapolação natural de um caráter pós-autista daria origem ao estilo de vida do idiota-sábio; e essa tendência pode certamente ser vista em Piffie e Barry. Outra criança, cujo material não pôde ser incluído aqui, aos oito anos preocupava-se quase exclusivamente com a pintura de flores. Robert, praticamente inculto em outras áreas, a partir de sua identificação narcísica com sua mãe, que era retratista, foi capaz de produzir as mais maravilhosas aquarelas de flores, precisamente coloridas e cheias de vida, da maneira mais rápida, hábil e organizada.

A nossa conclusão geral sobre as implicações dessas descobertas para as crianças autistas, dada a nossa compreensão do campo mais amplo da obsessão – no caráter e nas neuroses, bem como no aspecto compulsivo da perversão – é que é possível construir um espectro do sadismo. Num extremo desse espectro podemos encontrar a catatonia, a alegria mais extrema e cruel com que os objetos são mantidos num estado de paralisação. No outro extremo está o dismantelamento não sádico do *self* na personalidade pós-autista. Naquele, o objeto

é mantido em estado de escravidão torturante; neste, simplesmente é perturbada a capacidade dos objetos de se encontrarem, mas sem infligir dor ou causar fraqueza. Entre esses dois polos, o espectro de distúrbios obsessivos poderia ser acomodado com base em uma mistura relativa dessas duas operações, construir uma espécie de tabela periódica com referência à gravidade da perturbação. Deve-se lembrar que a gravidade da doença no estado pós-autista não se relaciona especialmente com o grau de obsessão, mas com a outra área da psicopatologia, ou seja, o distúrbio na organização do espaço mental, o que resulta em sério obstáculo ao amadurecimento. O sistema obsessivo é, mais do que psicopatológico, não adaptativo, no mesmo sentido que muitos sistemas filosóficos e teológicos são não adaptativos quando tomados como guias de comportamento no mundo. O problema é que a resposta emocional à complexidade do mundo sofre interferência, quando a sobressimplificação “cerebral” do pensamento obsessivo interfere na experiência. Num sentido filosófico, a estética da turbulenta harmonia do crescimento é sacrificada pela plácida harmonia da ordem. Isso leva a um estado de espírito adequado à velhice, à memória de experiências, mas não para uma época da vida em que ainda há bem poucas experiências para recordar. Produz uma tranquilidade wordsworthiana num momento da vida em que ainda é necessária uma turbulência vigorosa. Assim, Barry, em busca de trabalho e moradia aos vinte anos, não encontrou nada que satisfizesse suas necessidades e preferiu permanecer em casa como governanta de sua mãe. A possibilidade de o mundo lhe impor exigências era simplesmente estranha ao seu pensamento, muito semelhante ao *Bartleby de Melville*.

Antes de encerrar esse perfil introdutório das descobertas que serão exemplificadas nos capítulos seguintes sobre cada criança em particular, queremos dizer algumas palavras sobre a relação desse tipo especial de sistema obsessivo com o problema dos chamados objetos transicionais. Nos seus escritos posteriores, Winnicott

reconheceu o valor equívoco dessas construções: embora possam servir economicamente para ajudar a superar a transição da criança para os seus objetos, há também um grande perigo de que o objeto transicional assuma um significado fetichista e seja usado como foco para o isolamento de uma tendência perversa. Acreditamos que o mecanismo de desmantelamento é na verdade a base para a formação de um objeto transicional. É possível ver isso surgindo no caso de John e seu ursinho de pelúcia; mas também é claro que, gradualmente, o urso tornou-se o foco da organização do narcisismo no qual John se refugiou para aliviar seus sentimentos depressivos, pois sua tendência autista foi reduzida. O mesmo aconteceu com Timmy e também esteve muito presente na relação de Barry com a televisão. Nossa conclusão é que a formação de um objeto transicional é, na verdade, uma operação muito arriscada para o desenvolvimento da personalidade e que seu sentido último depende de um equilíbrio muito delicado, basicamente da forma como é recebido pelos objetos externos. Se, por exemplo, a mãe aceitar muito rapidamente o alívio do fardo da dependência oferecido pelo interesse da criança no objeto transicional, é provável que isso dê origem à forja de uma forte organização narcisista, que implica um uso essencialmente perverso do objeto transicional como brinquedo fetichista.

Resumo

Nesta introdução teórica ao corpo principal do livro, que é a descrição clínica do trabalho com crianças, tentamos apresentar uma estrutura organizada de ideias dentro da qual podemos apreender e ordenar uma gama deslumbrante de fenômenos clínicos aparentemente díspares. Seu objetivo é evitar que o leitor experimente o mesmo grau de confusão e desamparo experimentado por nós e, ao mesmo tempo, não impor um código rígido de interpretação que oprimira sua própria liberdade de pensamento.

Em essência, traçamos uma distinção entre o estado autista propriamente dito (que consideramos como uma entidade separada) e o desenvolvimento pós-autista com os seus impedimentos especiais e as suas potencialidades igualmente especiais. Sugerimos que a deterioração do desenvolvimento, devido à operação dos estados autistas, tinha uma relação quase aritmética com a quantidade de tempo de vida realmente envolvido, e diferenciamos isso do grau de imaturidade e patologia de caráter no desenvolvimento pós-autista. Este último era visto como dependente da interação das tendências particulares da criança, especialmente da sua obsessão e da deterioração da dimensionalidade nas relações objetais e das tendências das pessoas mais importantes do ambiente no qual a criança se desenvolve. Pelo contrário, nós nos inclinamos a pensar que a atuação do conjunto de fatores que dão lugar ao estado autístico é muito mais intrínseco à criança, e que o “fracasso” ambiental somente o modifica.

Nomeamos e analisamos esses fatores especiais e essas tendências da personalidade destacando os elementos que conduzem a um tipo único de defesa obsessiva que, levada ao extremo, produz uma genuína e temporária desmentalização mediante o desmantelamento do aparato perceptual. Sugerimos que isso acontece pela suspensão da função da atenção e propomos algumas conjecturas acerca da qualidade do objeto para contestar ou impedir essa tendência desmanteladora.



Explorações no autismo relata uma investigação de 10 anos por meio de terapia psicanalítica com crianças autistas supervisionadas por D. Meltzer. Ele declara que, aos poucos, foi surgindo uma nova visão do autismo que difere grandemente de qualquer outra sugerida até então na literatura psiquiátrica.

Descreve como se desenvolve a personalidade autista e contribui com novos conceitos, entre eles, desmentalização, dimensionalidades e mecanismos obsessivos primitivos.

Passados 50 anos de sua primeira publicação, *Explorações no autismo* continua atualíssimo, tanto em seu material clínico como em sua teorização.

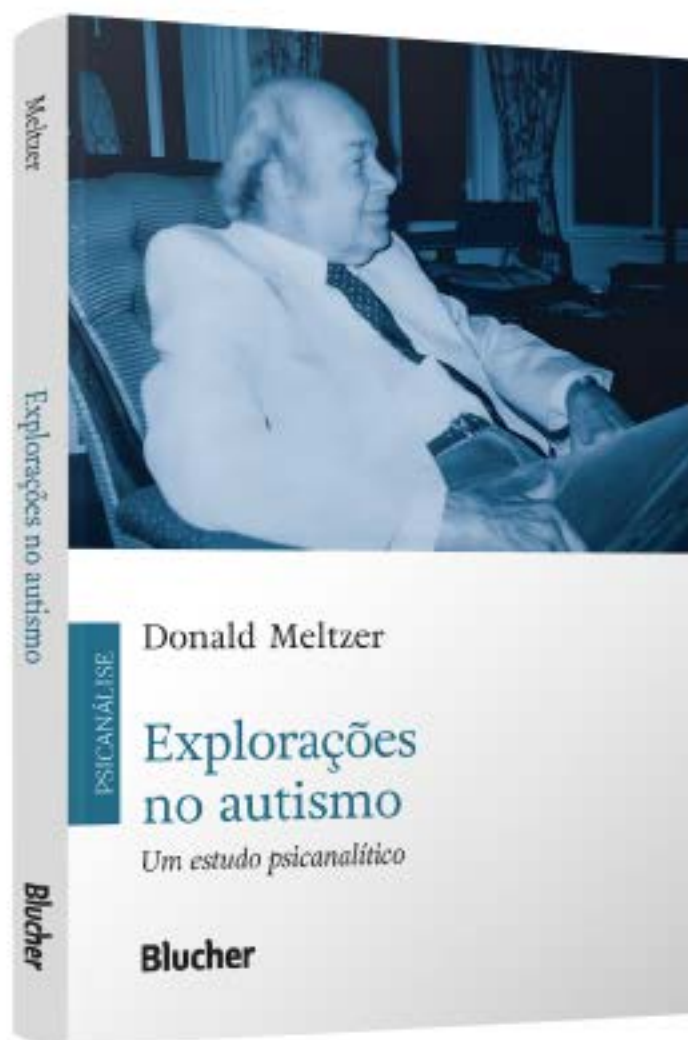
PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2668-0



9 788521 226680

www.blucher.com.br**Blucher**



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Explorações no autismo

Um estudo psicanalítico

Donald Meltzer

ISBN: 9788521226680

Páginas: 312

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2026
